

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO VI—Número 1.723
Terça-feira, 8 de Julho de 1924
PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada de Cembre, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

O novo governo deve emendar os erros do anterior, pondo imediatamente em liberdade os operários injustamente presos

PERANTE O NOVO GOVERNO

QUEREMOS SABER EM QUE LEI VIVEMOS

O governo que saiu não deixou saudades. Acobertou os maiores roubos e as mais condenáveis barbaridades

O novo governo tem o dever moral de definir, quanto antes, a sua atitude ante os bárbaros crimes dos Olivais e de Silves, ante os roubos da Finança e da Moagem. Não deve reclamar impostos do povo; se quer dinheiro deve ir buscá-lo às grandes empresas financeiras e industriais que exploram o povo e arruinam o país

Governar, em Portugal, quando não é uma pândega, é pelo menos um negócio. Nós que, por princípio não acreditamos nos governos autoritários, quasi não precisamos de apresentar argumentos para confirmar as nossas opiniões: basta-nos apontar factos que estão na memória de todos. Esses factos dizem-nos que todos os governos são maus. Dizem-nos mais: entre os maus ainda há os piores.

Um novo governo acaba de tomar posse. Sucede a outro governo—daqueles que se podem considerar dos piores. As palavras que o sr. Rodrigues Gaspar, presidente do governo que entra, proferiu no momento em que tomou posse, não passam de banalidades ócas e vãs.

O que o sr. Rodrigues Gaspar disse e nada—é tudo a mesma coisa.

Um governo burguês que trouxesse vontade de trabalhar, vontade de fazer justiça, vontade de impulsionar, como o sr. Rodrigues Gaspar disse, o ressurgimento nacional, teria neste momento gravíssimo, que atravessamos, a obrigação moral de falar alto ao país e de definir desde já a sua atitude ante problemas de urgente solução que preocupam presentemente a maioria da população portuguesa.

E não precisava o governo de lançar mão de medidas extremistas, bastava que se enquadrasse nas próprias leis burguesas, para, pelo menos, nos deixar convencido de que embora seguindo um critério conservador, vinha animado de intenções generosas e disposto a combater a realidade.

Há uma série de injustiças e de crimes a reparar imediatamente.

Há uma série de problemas de carácter económico imediato a resolver quanto antes.

E o primeiro dever dum governo que toma assento nos fauleis governamentais é dizer ao povo de que maneira encara esses problemas—uns morais, outros materiais, todos importantes—e de que forma vai resolvê-los.

Durante o exercício do governo anterior produziram-se incidentes de ordem pública, provocados pelas autoridades que até hoje ainda não foram reparados. Esses acontecimentos são graves, gravíssimos; deixaram em todo o país uma impressão de assombro, de horror e de revolta bem digna de ser tomada em consideração por um governo novo, se este governo vem de facto disposto a produzir algo de útil.

Esses sucessos sangrentos são, como o novo governo deve saber, o assassinato praticado pela polícia na pessoa de dois cidadãos presos, e o assassinato e agressões praticados em Silves por uma força da guarda republicana do comando do tenente Vinhas, na pessoa de um operário, que deixou cinco filhos na miséria, e de algumas mulheres e crianças indefesas.

Tanto o crime dos Olivais como o de Silves, foi encareado pelo Ministério do Interior deposto, com uma indiferença e um cinismo, que constituem, não apenas um gravame para o espírito de justiça, mas um insulto dirigido ao povo, que não sabe ainda se tais barbaridades são pelos governos consideradas crimes repugnantes ou gestos louváveis que mereçam condecorações.

Se os governos evocam constantemente as leis do país quando obrigam o povo a pagar pesadas contribuições, é necessário que o novo governo nos diga—perante aqueles acontecimentos horríveis—em que lei vivem.

O povo vem assistindo de consciência revoltada ao descalabro, à desvergonha, aos roubos praticados pela

Moagem e pela Finança, que ameaçam devorar o país inteiro na ânsia de satisfazer os seus ferozes apetites de ouro.

O governo anterior alarmado com a debilidade financeira do Estado levou ao parlamento vários diplomas, pelos quais se obrigaria o povo a pagar mais impostos destinados senão a cobrir, pelo menos, a atenuar o deficit orçamental.

Essa atitude era injusta e condenável, porquanto se o Estado se encontra—marcê duma administração desastrosa e duma série de roubos praticados pela Finança, pelo Comércio e pela Indústria—à beira da ruína, não deve ser ao povo, eterno sacrificado, que mais sacrificios se devem exigir para pagar as diferenças—deixando-se os que roubam impunemente o Estado e o povo viver numa imoral abundância do produto desse roubo.

Não há o direito de se falar sequer em contribuições que recaiam agravadas sobre a população laboriosa enquanto os Bancos Espírito Santo, Português e Brasileiro, e Casa Torlades não restituem ao Estado as 430.000 libras que indevidamente retêm em seu poder e que, ao câmbio de hoje, perfazem na nossa moeda quantia parecida com 66.000 contos.

Não há o direito de se exigir sacrificios ao povo, enquanto a Moagem não pagar os 5.000 contos que a Caixa Geral dos Depósitos lhe emprestou, mais 7.000 contos de diferenciais que habilidosamente se esquivou a liquidar, mais 11.000 contos de vários negócios com que burlou o Estado.

Não há o direito de se dizer ao povo: «Paga!» enquanto a Companhia dos Tabacos, que roubou, viciando a sua escrita, o Estado em mais de 25.000 contos, continua impune.

Não há o direito de se esmagar o povo com impostos enquanto não se examinam as escritas de várias empresas e companhias industriais que, como a Cal e Cimentos a que pertenceu o precedente ministro do Interior, burlam o Estado nas contribuições que devem pagar e ainda por cima arrancam empréstimos à Caixa Geral dos Depósitos que longe de se destinarem ao desenvolvimento industrial, vão apenas beneficiar os seus directores.

Acêrca destes assuntos e da carestia da vida qualquer governo, que tenha um pouco o sentimento das responsabilidades, deve trazer a público, logo que tome posse, a sua opinião bem nítida, bem clara.

Não confiamos nos governos. Intimamente já sabemos o que fará o novo ministério presidido pelo sr. Rodrigues Gaspar. Não trazemos por enquanto a público o nosso pensamento acêrca dos actos futuros do novo ministério porque não é preocupação nossa passar por profetas aos olhos dos leitores.

E' possível que este governo nada dissesse sobre as graves questões, no momento da posse, porque talvez queira fazer essas declarações amanhã, quando se apresentar ao parlamento.

Oxalá seja essa a sua intenção. Oxalá ele, ante os deputados e os senadores, que considera representantes do país, saiba dizer amanhã que os operários inocentes que estão nas prisões da Trafaria, estão roubando o lugar a quem de direito, ou seja, segundo o seu critério de justiça, aos assassinos dos Olivais e de Silves, e aos ladrões da Moagem, da Finança, da Cal e Cimentos e a tantos outros que ensanguentam e arruinam o país.

A agonia do fascismo

Dumini, um dos assassinos de Matteoti é um amigo íntimo de Mussolini—Um retrato e uma dedicatória comprometedoras

ROMA, 4.—A agitação popular provocada pela morte de Matteoti não diminuiu: a todo o momento cresce, redobrada de intensidade. Não há habilitação, nem transigência, capazes de amortecer a indignação deste povo há quasi dois anos martirizado pelo bandleirismo fascista.

E' preciso não conhecer a situação de Itália para se afirmar levemente que a opinião pública, a grande e esmagadora maioria do povo italiano está com o fascismo. Os que assimilam ignoram que a Itália está cheia de gente que se indigna e que a influência espiritual das ideias avançadas é, actualmente, enorme, e que, sem cessar, dia a dia, aumenta de maneira a castigar, entre os reacçãoários, sérias inquietações.

Ignoram ainda os que, a uma grande distância da Itália, atribuem uma grande popularidade ao fascismo, que não é só o meio de vida que está contra ele. A classe média, na sua maioria, odeia mortalmente os fascistas e está integrada nas fileiras do socialismo.

A reconstituição do governo de Mussolini, demonstra a impotência política do fascismo. Esse ministério foi reconstituído com elementos dos católicos e velhos partidos políticos, o que significa que o fascismo morreu. A única desculpa aventada pelo sangue que correu, para tantas vidas assassinadas, era de que se tornava necessário aniquilar com as velhas fórmulas de governar, os velhos partidos. Hoje o fascismo alia-se com os partidos que ontem ameaçava destruir.

As eleições, que a tanta especulação deram lugar por parte dos fanáticos e dos mercenários do fascismo, tiveram, para dar a maioria a Mussolini, de ser feitas sob um regime de terror. Mussolini venceu, com os seus esquemas, assassinando, próximo das urnas, os seus mais reconhecidos adversários. A morte de Matteoti marcou a queda de Mussolini. Há uma frase que demonstra bem o declínio do odioso ditador.

«Matteoti, morrendo, venceu». Esta frase não pertence, como a primeira vista pode inferir-se a um elemento da extrema esquerda. Foi pronunciada no Senado por um conservador o estadista conde de Sforza.

A ideia de que Mussolini soube antecipadamente do atentado contra Matteoti, vai ganhando terreno. Era impossível que o ditador italiano não bem informado sempre dos crimes dos seus seguidores não fosse prevenido de que se premeditava, pois que cúmplice de categoria, como directores de jornais fascistas, criaturas da sua intimidade, se

Para salvar Berenguer...

foram também amnistiados os presos políticos

MADRID, 7.—Afonso XIII assinou um decreto de amnistia que compreende os oficiais condenados como responsáveis pelo desastre de Anual os presos por delito de imprensa e políticos entre outros aproveitam da amnistia cujo número de atigidos é superior a 100. Miguel Unamuno e o general Berenguer.

Francisco Aragão

Veiu ontem à nossa redacção a fim de nos cumprimentar e agradecer a attenção da Batalha acêrca do conflito dos aviadores, o major sr. Francisco Aragão, o que bastante nos penhorou.

600.000 operários em greve

LONDRES, 7.—Começou na Inglaterra a greve dos operários da construção civil, cujo número é de seis centos mil.

PONTAS DE FOGO

Atenção cá pro rapaz. Que vai contar uma história. Mas, leitor, supor não vas que ela e tais ou insólitos sendo ela, como e veraz.

A história, vou começar. Certo dia, aos magotes. Deduziam-se a roubar. E nisso tinham tais dozes. Que, vê-lo, era paamar.

Um dia, os vadios citados. Temendo a cadeia ou a foga. Disseram como alarmados: Base de roubo e d'engano. Busquemos mistérios honrados.

E sem dispendir mais trêtas. Entraram para a policia. E agora, a fazer... gacetas. Mostram a sua pericia. Aos cidadãos lisboetas.

Mas, pra não ficar só misto. Este policia alienara. Fazendo, do 24 um Cristo. Mas o roubo-lhe a carreira... «Mister» ordem e isto?

Bemvindo BENEDY

A HERANÇA ROCHA CABRAL

Um Instituto que antes de o ser já o era... Só vendendo os bens em hasta pública se poderia saber com precisão qual era a importância destinada ao Instituto

O «Inventário Rocha Cabral» foi requerido, pelos testamentários, srs. Manuel do Vale e António Maria da Costa em 3 de Agosto de 1921, requerimento de fls. 2, a fim de proceder-se na conformidade do Art. 1902 do Cod. Civ. O referido Art. dispõe, textualmente, o seguinte: «Se o testador houver encarregado o testamentário de empregar o produto de certa parte da herança em alguma fundação ou aplicação pia, ou de utilidade pública, será o testamentário igualmente obrigado a proceder ao inventário e à venda dos ditos bens em hasta pública, com citação dos interessados ou de seus legítimos representantes e intervenção do Ministério Público.»

O direito que nada mais é, afinal, que a ciência do justo, impõe o inventário e a liquidação em hasta pública.

Estas funções incumbem aos tribunais e são aos tribunais.

Para este fim, o cabeça de casal prestou as suas declarações que constam de fls. 8, juntando o testamento cerrado de fls. 13, documento longo e interessante que muito honra o seu benemérito autor, e deveria servir de exemplo aos capitalistas nossos patrícios.

No referido testamento há a seguinte cláusula: «Deixo os remanescentes dos meus haveres, inclusive o saldo da testamentaria do Brasil, (menos o jizeiro que possuo no Cemitério Occidental), para a fundação (P) dum estabelecimento de investigação científica que tenha o meu nome e de que deixo se encarregar da instalação o sr. dr. Ferreira de Mira (para cuja direcção foi, depois, nomeado vitaliciamente).

Em 15 de Junho de 1922, começou, ostensivamente, a manobra dos appetites ocultos, em monte, abroquelados pela Pessoa Moral «Instituto Bento da Rocha Cabral», com a aprovação dum lei, aparentemente simpática e simples, constando de um artigo e seu parágrafo, sobre o que se entendia por Institutos de Utilidade Pública, e isentando de contribuições ou impostos as aquisições que se destinasse a sua fundação, melhoramento ou sustentação.

Como se vê, a Lei é dum clareza espantosa, nada contendo em si, expressa ou tacitamente, que deite por as necessidades duma regulamentação posterior.

Mais tarde, e depois de obtinidas as vortazes leptativas por várias vezes sabidamente contidas pelo Dr. Juiz, no auto de declaração do cabeça de casal, sr. Manuel Maria do Vale, a fls. 183, começa a desenrolar-se vivamente, o ataque «Os dois testamentários» (afirma o cabeça de casal)—representam o her-

deiro (grande tolice) do remanescente da herança do falecido, vagamente (o desamento inaudito!)—determinado no testamento, mas, como esse herdeiro que é o «Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral» já... tem individualmente jurídica e se acha... já representado pelo seu Conselho de Administração, como consta dos seus Estatutos, deve o presente Conselho... ser citado para os termos do presente inventário...»

E juntam-se os Estatutos a fls. 185, e mais uma acta de reuniões.

A pag. 197 a Pessoa Moral «Instituto Bento da Rocha Cabral», trazida pelo braço do desinteressado cabeça de casal, entra na contradição do inventário, com procuração, substabelecida, a fls. 219, no habilitissimo advogado Dr. Manuel Duarte.

Nesta altura o processo vai... propositalmente à conta, a fim de lá dormir alguns meses a dar tempo ao grande golpe do Decreto Bural.

E' tempo de discutirmos a legitimidade deste d'innúo azul (pessoa moral) visto que os fins da sua entrada em scena já estão devidamente esclarecidos.—Diz o testador, a pag. 24, v. do seu testamento: «Deixo o remanescente da minha herança para a fundação dum estabelecimento científico.»

Nos termos do Art. 1902, procedeu-se ao inventário; os bens deveriam ser liquidados em hasta pública; deveria cumprir-se a vontade do testador quanto aos outros herdeiros e legatários; e, se depois dessa liquidação... e que deveria surgir a pessoa moral Instituto, que, no decorrer da acção judicial, teria o seu interesse representado e defendido pelo Ministério Público, pelos testamentários, e pela publicidade. Quem é, então, o herdeiro?—preguntar-se-á. Resposta: o herdeiro Instituto é o Estado!...

A ilegítima e abusiva intromissão da Pessoa Moral «Instituto», no inventário, leva-nos a consultar, agora, o Cod. Civ., em seus artigos 1776 e 1781 que dizem respectivamente:

«Se podem adquirir por testamento as criaturas existentes, entre as quais é contado o embrião.

«É único.—Reputa-se existente o embrião que nasce com vida e figura humana dentro dos 300 dias contados desde a morte do testador.

As pessoas morais podem succeder por testamento tanto a título de herdeiras como de legatárias.

Ora a Pessoa Moral «Instituto Rocha Cabral»—Não existia a data do falecimento do autor da herança, em virtude

de da própria redacção da cláusula testamentária que lhe diz respeito. E' preciso ser completamente destituído de inteligência para não ver esta coisa tão simples! E parece-me que nem sequer é lícito admitir, mesmo nos domínios da embriologia, que, dentro do prazo de trezentos dias a que a lei se refere, fosse dado à luz o Sr. Dr. Ferreira de Mira e o seu Conselho Administrativo, tudo entidades de barba na cara e já mandando lindamente na vida.

E a capacidade testamentária passiva, isto é, a capacidade para adquirir-se por testamento, verifica-se a morte do testador.

Ora, a morte do testador não existia a Pessoa Moral, que, só, depois, segundo disposição do testador, havia de seguir, fundada com o tal remanescente, que, em juízo, devia liquidar-se!

E, daqui, o capcioso absurdo do seu aparecimento no decurso do inventário, o que é absolutamente anti-jurídico, não só por contrariar, manifestamente, a vontade expressa do autor da herança, que deixava o remanescente para a sua fundação, mas ainda por contrariar os já mencionados Art. 1776 e 1778 do Cod. Civ., dispondo que só herdaram os vivos à data do falecimento do testador.

Logo:—a existência do Instituto só poderia ter lugar após a liquidação geral. Vamos adiante:

Os personagens principais estão em scena.

A batalha vai atingir, agora, o seu ponto culminante. Quere-se a herança, apesar de tudo e contra tudo! Quere-se a herança em monte, quer-se de modo que não possa avaliar-se, medir-se, pesar-se, ver-se!

Em seu despacho de fls. 209, o dr. Juiz diz o seguinte: «Para a venda em almeida dos móveis descritos e no lugar onde se encontram, designo o dia 11 do próximo mez de Maio, por 13 horas»,—mandando alisar editais, fazer anúncios e intimações. Tudo em obediência ao Art. 1902, para cujos fins foi requerido o inventário!

O testamentário Manuel Maria do Vale, no seu requerimento de fls. 124, ainda está de bem com o Cod. Civ., e seu Art. 1902, pois diz a final: «De resto, todos os papéis de crédito, nacionais e estrangeiros não-de ser vendidos, e o produto reduzido a moeda portuguesa, pois se depois de todos os valores da herança serem reduzidos a moeda portuguesa é que a vontade do testador ha-de ser inteiramente cumprida.» Isto vale um poema!

Uma carta

Sr. redactor. Peço a V. a publicação desta carta.—Li no seu meu conceituado

Teatro Nacional

OS DOIS GAROTOS

TODAS AS NOITES

POLITICA

O novo governo

Afinal, o sr. Rodrigues Gaspar não chegou a ir pela borda fora, mas entrou pelo Terreiro do Paço adentro, quer dizer constituiu governo.

Do elenco faz parte o dr. sr. Daniel Rodrigues, logoso anti-clerical que não vai extinguir desta vez a legação do Vaticano, pois que ficou armadão na pasta das finanças.

O ministro da agricultura o dr. sr. João Salento. O «Correio da Manhã» abriu um concurso oferecendo um valioso prêmio a quem lhe diga quem é o dr. João Salento.

Por nossa parte podemos asseverar que não ganharam o prêmio.

No acto da posse o governo morto e bonito pósto, disseram coisas muito bonitas um ao outro. Os novos ministros afirmaram que estavam ali para cumprir um dever, chegando ao fim, a declarar-se colaboradores da obra de resurgimento nacional. Quem acreditar que fique à espera.

A frente única republicana

O partido radical repeliu a proposta de frente única republicana, enviado ao Grémio dos Jovens Lusitanos, um ofício expondo as razões da sua recusa.

Alega o partido radical que aderir à frente única equivaleria a manifestar uma injusta desconfiança nos seus dirigentes e é um atentado contra a sua lei orgânica. Afirma também que o partido radical em nada contribuiu para o descontentamento que lava entre os camponeses devido à constante elevação do custo da vida; que o perigo monárquico existe devido aos políticos republicanos não se regenerarem, e ainda à tolerância havida para com os monárquicos por parte dos ex-monárquicos que predominam no partido democrático.

Classes que reclamam

Pessoal da Parceria dos Vapores Lisboenses

Convida-se o pessoal a reunir hoje, pelas 18 horas, na sede do S. U. Metalúrgico para apreciar a resposta que a Direcção da Fábrica deu à Comissão de Melhoramentos.

Torna-se necessária a comparticipação de todos os camaradas.

Cortidores de Sola e Cabaleta

Reuniram ontem para apreciar a resposta dos industriais às circulares que para aumento de salário lhes foram enviadas em 6 de Maio p. p.

Constatou-se que a resposta foi negativa em virtude de nesse sentido terem influido três industriais, embora esta classe seja hoje das que menos ganham em Lisboa, sendo resolvido não acceitar qualquer aumento que não seja reclamado e abandonado o trabalho se até sábado os industriais não derem resposta razoável.

Vem a propósito salientar que estes na sua maioria, têm a pelaria comprada por preços insignificantes e mais de quatro e cinco anos, vendendo-a agora a preços fabulosos.

A classe volta a reunir no próximo domingo para resolver em definitivo o caminho a seguir.

Raid Lisboa-Macau

Datada de Vila Viçosa, recebemos do major Cilia Duarte a seguinte carta: «Sr. Redactor: A minha partida precipitada de Lisboa não me permitiu apresentar a V. m. como era meu desejo, os meus cumprimentos de despedida e mais uma vez manifestar-lhe, enquanto pessoalmente não o faço, a minha extrema gratidão em nome da Aviação pelo muito que V. Ex. fez no jornal que tão dignamente dirige em prol da viagem Lisboa-Macau.

De V. etc., Cilia Duarte, Major.

Tanoeiros do Porto e Gaia

Reuniram novamente em assembleia magna para apreciar a atitude dos industriais, que continuam mantendo o lock-out.

Depois de largamente debatido o assunto e para que resultem mais frutíferas as «demarches» para a solução do conflito, foi resolvido nomear-se uma comissão de melhoramentos, que ficou constituída por Tomás de Oliveira, António Joaquim dos Reis, António José de Barros, António Joaquim da Silva e Joaquim Domingos Couto.

Reuniram novamente em assembleia magna para apreciar a atitude dos industriais, que continuam mantendo o lock-out.

Depois de largamente debatido o assunto e para que resultem mais frutíferas as «demarches» para a solução do conflito, foi resolvido nomear-se uma comissão de melhoramentos, que ficou constituída por Tomás de Oliveira, António Joaquim dos Reis, António José de Barros, António Joaquim da Silva e Joaquim Domingos Couto.

Reuniram novamente em assembleia magna para apreciar a atitude dos industriais, que continuam mantendo o lock-out.

Depois de largamente debatido o assunto e para que resultem mais frutíferas as «demarches» para a solução do conflito, foi resolvido nomear-se uma comissão de melhoramentos, que ficou constituída por Tomás de Oliveira, António Joaquim dos Reis, António José de Barros, António Joaquim da Silva e Joaquim Domingos Couto.

Reuniram novamente em assembleia magna para apreciar a atitude dos industriais, que continuam mantendo o lock-out.

Depois de largamente debatido o assunto e para que resultem mais frutíferas as «demarches» para a solução do conflito, foi resolvido nomear-se uma comissão de melhoramentos, que ficou constituída por Tomás de Oliveira, António Joaquim dos Reis, António José de Barros, António Joaquim da Silva e Joaquim Domingos Couto.

Reuniram novamente em assembleia magna para apreciar a atitude dos industriais, que continuam mantendo o lock-out.

Depois de largamente debatido o assunto e para que resultem mais frutíferas as «demarches» para a solução do conflito, foi resolvido nomear-se uma comissão de melhoramentos, que ficou constituída por Tomás de Oliveira, António Joaquim dos Reis, António José de Barros, António Joaquim da Silva e Joaquim Domingos Couto.

Reuniram novamente em assembleia magna para apreciar a atitude dos industriais, que continuam mantendo o lock-out.

Depois de largamente debatido o assunto e para que resultem mais frutíferas as «demarches» para a solução do conflito, foi resolvido nomear-se uma comissão de melhoramentos, que ficou constituída por Tomás de Oliveira, António Joaquim dos Reis, António José de Barros, António Joaquim da Silva e Joaquim Domingos Couto.

Reuniram novamente em assembleia magna para apreciar a atitude dos industriais, que continuam mantendo o lock-out.

Depois de largamente debatido o assunto e para que resultem mais frutíferas as «demarches» para a solução do conflito, foi resolvido nomear-se uma comissão de melhoramentos, que ficou constituída por Tomás de Oliveira, António Joaquim dos Reis, António José de Barros, António Joaquim da Silva e Joaquim Domingos Couto.

Reuniram novamente em assembleia magna para apreciar a atitude dos industriais, que continuam mantendo o lock-out.

Depois de largamente debatido o assunto e para que resultem mais frutíferas as «demarches» para a solução do conflito, foi resolvido nomear-se uma comissão de melhoramentos, que ficou constituída por Tomás de Oliveira, António Joaquim dos Reis, António José de Barros, António Joaquim da Silva e Joaquim Domingos Couto.

Reuniram novamente em assembleia magna para apreciar a atitude dos industriais, que continuam mantendo o lock-out.

Depois de largamente debatido o assunto e para que resultem mais frutíferas as «demarches» para a solução do conflito, foi resolvido nomear-se uma comissão de melhoramentos, que ficou constituída por Tomás de Oliveira, António Joaquim dos Reis, António José de Barros, António Joaquim da Silva e Joaquim Domingos Couto.

Reuniram novamente em assembleia magna para apreciar a atitude dos industriais, que continuam mantendo o lock-out.

Depois de largamente debatido o assunto e para que resultem mais frutíferas as «demarches» para a solução do conflito, foi resolvido nomear-se uma comissão de melhoramentos, que ficou constituída por Tomás de Oliveira, António Joaquim dos Reis, António José de Barros, António Joaquim da Silva e Joaquim Domingos Couto.

Reuniram novamente em assembleia magna para apreciar a atitude dos industriais, que continuam mantendo o lock-out.

Depois de largamente debatido o assunto e para que resultem mais frutíferas as «demarches» para a solução do conflito, foi resolvido nomear-se uma comissão de melhoramentos, que ficou constituída por Tomás de Oliveira, António Joaquim dos Reis, António José de Barros, António Joaquim da Silva e Joaquim Domingos Couto.

Reuniram novamente em assembleia magna para apreciar a atitude dos industriais, que continuam mantendo o lock-out.

Depois de largamente debatido o assunto e para que resultem mais frutíferas as «demarches» para a solução do conflito, foi resolvido nomear-se uma comissão de melhoramentos, que ficou constituída por Tomás de Oliveira, António Joaquim dos Reis, António José de Barros, António Joaquim da Silva e Joaquim Domingos Couto.

Reuniram novamente em assembleia magna para apreciar a atitude dos industriais, que continuam mantendo o lock-out.

Depois de largamente debatido o assunto e para que resultem mais frutíferas as «demarches» para a solução do conflito, foi resolvido nomear-se uma comissão de melhoramentos, que ficou constituída por Tomás de Oliveira, António Joaquim dos Reis, António José de Barros, António Joaquim da Silva e Joaquim Domingos Couto.

Reuniram novamente em assembleia magna para apreciar a atitude dos industriais, que continuam mantendo o lock-out.

OS TUBERCULOSOS

no têm onde tratar-se

Enquanto se esbanja dinheiro em coisas inúteis, deixam-se morrer as poucas instituições que de certo modo beneficiam aqueles que não pertencem à noção ou à finança.

No Sanatório da Guarda existe um pavilhão, o n.º 3, no qual costumam ser internados gratuitamente, durante alguns meses em cada ano, os tuberculosos que não possuem meios para se internarem nos outros pavilhões.

Desse benefício se têm utilizado anualmente, de Junho a Outubro, uns 30 doentes dos dois sexos. Este número não representa nada num país onde a percentagem de tuberculosos é enorme, especialmente nos últimos tempos em que as condições de vida atiram para essa terrível doença com centenas de criaturas, não obstante ainda haver o Sanatório de Portalegre que comporta uns 24 doentes e o do Lumiar 64. Este hoje exclusivamente ocupado por mulheres, todos sob a tutela da Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Pois apesar do insignificante número de sanatórios que comportam um mais insignificante número de doentes, parece que eles estão em risco de desaparecer em virtude da falta de verbas.

Julgamos que o governo subsidiava a Assistência com 40.000\$000 anuais e como esta importância fosse diminuta, o dr. sr. Cassiano Neves, seu director e que à cura dos doentes atacados pelo terrível bacillus muito se tem dedicado, pediu que esse subsídio se elevasse para 100.000\$000, a fim de que os doentes pobres não tivessem falta de tratamento.

Até hoje não atendeu o governo a essa necessidade, e o pavilhão n.º 3 da Guarda, que costumava abrir em 1 de Junho, ainda não recebeu doente algum porque não há dinheiro.

E nestas condições, os pobres doentes que lutam com falta de meios para se tratar e esperavam com ansiedade a abertura daquele pavilhão, vêem-se na dura contingência de não aproveitarem esse benefício.

E o dinheiro esbanja-se não se cuidando das vítimas dos que esbanjam.

As nossas campanhas

Na assembleia geral do sindicato dos Trabalhadores Rurais de Beavilla, reunida há dias, foram apreciadas as moralizadoras campanhas de A Batalha, sendo resolvido dar todo o apoio do seu corpo redactorial para que mantenha a sua enérgica atitude no combate aos trocinhos e desmandos da pútrida sociedade burguesa.

A MOAGEM

contra o seu pessoal

A Companhia Nacional de Alimentação, designação por que agora se desfaz a Moagem, pretende agora obrigar todos os seus operários empregados a fornecer-lhe duas fotografias, uma de frente e outra de perfil, para ficarem em seu poder, mesmo que qualquer operário ou empregado deixem ali de trabalhar.

Para dar uma prova do medo de que os dirigentes da Moagem estão possuídos basta que se saiba que esta grossa e pavilante medida se destina a precauções a tomar, no receio de qualquer provável atentado. A consciência da-lhes de vez em quando o rebate de que poderão pagar com a vida os seus crimes.

Resta saber se o pessoal se prestará à indignidade exigida pela Moagem. Setal acontecer mercedem ser escravizados por todas as tiranias e sofrer todas as misérias, mesmo as mais aviltantes.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade

Consultas

Hoje, pelas 21 horas, os drs. Campos Lima e Sobral de Campos, dois consultores jurídicos, de todos os operários confederados que deles necessitem, devendo os interessados apresentar as suas cadernetas confederadas em dia.

A vileza de um "mandão"

Roga-se à pessoa que nos deu a informação publicada, com este título, no nosso número de 3 do corrente o favor de comparecer nesta redacção amanhã ou quinta-feira, para uns esclarecimentos.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Secção Mista do Beato e Olivais.—Reúne hoje, às 20 horas, a comissão executiva conjuntamente com os camaradas, que têm a honra e o cargo.

Secção Metalúrgica.—Reúne hoje a comissão executiva com os seus agregados, pelas 22 horas, na sede da secção.

A deslealdade de um patrão

Rui Mário Metrasse, antigo empregado da sapataria Coimbra, deve passar por esta redacção, hoje ou amanhã, depois das 21 horas, para uns esclarecimentos.

Marinha Grande

Ainda o caso da estação

MARINHA GRANDE, 4.—O caso do sr. Carlos Gato com os operários da Nacional foi um bom motivo para que alguns «paquidermes» locais esvumassem o ódio que nutrem por aqueles que lhes construíram as fortunas.

O ofendido estava no propósito de não ligar importância ao caso, mas ante os muitos e vampíricos rogos acabou por ceder, tanto mais que se tratava de procurar a forma de meter na cadeia meia dúzia de operários considerados refilões.

Foi a instâncias de Guilherme Pereira, de «lam grato» recordações, que o sr. Carlos Gato enviou para juízo o processo respectivo, tratando o primeiro de arregimentar testemunhas, à disposição de quem poz o sua adegá, alfobre de políticos camarários.

O conflito não tinha a importância que lhe dava o sr. Guilherme, que sonhava já, ver os operários nos presídios de Timor sujeitos a trabalhos forçados, de modo que as testemunhas, chamadas a Leiria, pouco adiantaram.

Mas o sr. Guilherme, que é alma danada de tudo isto, não abandonou a presa e começou de inventar novas testemunhas que, temos a certeza, dormiam a bom dormir quando o caso se deu.

Esta criatura, que tanto se tem evidenciado cá no burgo por tratar os operários como forçados, é um transfuga que, quando operário, dizia a plenos pulmões serem os patrões uns exploradores!

Hoje, vê-se senhor duma fábrica, com «camions», automóveis, etc., e vá de rebaixar os seus antigos companheiros.

Se sabr quaz fazer o seu nome, é sub-director dum jornal bairstira e o vultu mais em destaque e respeitado nesta terra!

O tempo em que vivemos e em que os novos-ricos são tudo, faz com que alguns chefes de família estejam à mercê dos caprichos deste boçal endinheirado, que não há muito tempo, quando estavam em greve os manipuladores de vidraça, teve para estes camaradas as mais insultuosas e obscenas palavras.

Se estamos ligando importância a um insignificante personagem, é só porque ele pretende preveramente meter nas Bastilhas da República alguns camaradas da Nacional, tendo agora procurado mais uma dúzia de criaturas, que não viram nada para justificar talvez que aqueles tentavam matar o sr. Carlos Gato! Até mulheres, que estavam certamente tratando da coisa para os seus maridos, foram avisadas, para depor!

Suporá o sr. Guilherme, que toda esta gente tem os seus fantásticos sonhos?

É verdadeiramente grotesco o pensar deste senhor, que exclama raiosamente: —Malandro! Agitadores!—Ei-de pregar com eles em Timor!

Para não importunar mais os operários, com as suas resoluções estúpidas, aconselhamo-lo a fazer o que disse há tempos, numa reunião... com a «elite» —Vá para o túmulo que tem no cemitério passar o resto dos dias da vida.—C.

Um boletineiro

em legítima defesa fere a tiro um colega

Deu-se ontem, perto das 20 horas na 1.ª secção dos Correios e Telégrafos, no Terreiro de Paço uma cena de tiros entre os boletineiros Agostinho da Silva e Caetano da Fonseca, tendo este último ficado ferido, ainda que sem gravidade, com 2 tiros de pistola.

Deu origem ao conflito o facto de Caetano da Fonseca ter, várias vezes, ameaçado de morte o seu colega. Este que foi um elemento que bastantes vezes presiou na organização do pessoal menor, recuou-se das ameaças pois que o Caetano da Fonseca é criatura de péssimos antecedentes que já cometeu três agressões uma à facada na rua Saraiva do Carvalho e duas a tiro contra um marítimo e um boletineiro.

O Caetano da Fonseca costuma embriagar-se para praticar as suas agressões. Ontem foi à Central e pediu que fossem chamar o Agostinho da Silva pois que precisava de falar com ele.

O Agostinho quando chegou ao corredor do ministério do Comércio, deparando com o Caetano, perguntou-lhe: —Vens hoje para me matares?

O Caetano levou a mão ao bolso no gesto rápido de quem puxa dum pistão. O Agostinho não lhe deu tempo, puxando da arma de que andava prevenido, disparando 2 tiros que atingiram o Caetano no peito e no braço direito.

O ferido foi conduzido ao hospital de São José, tendo-se Agostinho da Silva, entregado voluntariamente à prisão.

Agremiações várias

Grémio dos Funcionários do Município de Lisboa.—Reúne hoje 8, pelas 20 horas, na rua da Madalena, 225, 1.ª, a assembleia geral, a fim de continuar os trabalhos pendentes da última assembleia; bem como resolver sobre as subvenções em atraso.

Junção Humanitária Amor e Carinho.—Para eleição de novos corpos gerentes reúne amanhã, às 21 horas, a assembleia geral que funcionará com qualquer número por ser 2.ª convocação.

Jardim-Escola João de Deus

Amanhã, pelas 13 horas, realizam-se as provas anuais do aproveitamento dos alunos, na sede desta instituição, Avenida Pedro Álvares Cabral (à Estréla).

A cura das doenças pelas plantas

3.ª edição—Preço, 2\$00; pelo correio, 2\$50—Pedidos à administração de A BATALHA.

Uma revolução no Brasil

LONDRES, 7.—Um comunicado de Buenos Aires diz que rebentou uma revolução em São Paulo e que os revolucionários teriam ocupado São Paulo. O governo brasileiro declarou o estado de sítio em São Paulo e no Rio de Janeiro. A esquadra e forças do exército teriam entrado em cena.

Um outro comunicado posterior de São Paulo diz que foi dominada a revolta e restabelecida a ordem.

A favor da "Internacional"

Grande Passeio Fluvial à Vela da Azambuja com escala por Vila Franca de Xira

Por motivos imprevistos e muito contra sua vontade foi a comissão organizadora desta excursão forçada a adiar.

Ontem inconveniente houve que mais veio prejudicar o já citado adiamento, e que consistiu em não ter sido publicada a notícia que a ele se referia, no sábado, como fazia prever. Grande foi o número de camaradas prejudicados, dada a quantidade de bilhetes vendidos.

Pelos prejuízos causados, a data do adiamento para 13 do corrente não permite a um grande número de camaradas tomarem parte na excursão como era seu desejo, por isso resolveu a comissão adiar este passeio para domingo 3 de Agosto e convencia a que este adiamento satisfará por completo todos os camaradas. Entretanto os que não puderem aproveitar esta data podem reclamar a importância dos seus bilhetes na sede do Núcleo Sindicalista Revolucionário, Calçada da Graça, 12, 1.ª, até ao próximo sábado 12 do corrente.

Todos os excursionistas que até a data indicada não reclamarem a importância dos seus bilhetes consideram-se estes como vendidos.

SECCÃO TELEGRAFICA

Federações

CONSTRUÇÃO CIVIL

Sindicato de Extremoz.—Sabre o vosso ofício aguardam a reunião do Conselho Federal.

METALÚRGICA

Sindicato de Faro.—Enviem-nos sem demora informes sobre a greve.

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA E SOLIDARIEDADE

Silves.—Carteiros.—Aguardamos ofício sobre o que se está passando aí.

CULTURA OPERÁRIA

Uma útil iniciativa do Sindicato dos Inscritos Marítimos

Decidiu a Comissão Administrativa do sindicato dos Inscritos Marítimos (Pessoal de Câmaras) promover uma série de conferências educativas e de propaganda sindical, iniciativa que tem despertado o maior interesse entre as classes dos marítimos de longo curso.

Hoje, às 20 horas e na sede do referido sindicato, realiza a primeira das conferências o camarada Flávio da Cruz, oficial da marinha mercante, que versará o tema Os marítimos e a Organização.

É de esperar que a ouvir o conferente acorram todos os marítimos disponíveis, sem distinção de especialidades.

Marinheiros e Moros da Marinha Mercante

Comemoram hoje o 8.º aniversário do seu sindicato com uma sessão de propaganda associativa que tem lugar às 21 horas e em que usará da palavra vários elementos da organização.

Para esta sessão são convidados a fazerem-se representar todos os organismos operários da capital.

Ferrovilários presos

A respectiva Comissão tornou a conferenciar ontem com o director da Polícia de Segurança do Estado sobre a prisão dos ferroviários do Sul e Sueste, Joaquim Caetano dos Santos e José Augusto Monteiro, tendo sido informada que a situação daqueles deverá ser aclarada pela Polícia de Investigação Criminal.

Conferenciou também ainda ontem com o director desta polícia, devendo novamente amanhã avistar-se com ele para o andamento da questão.

Tratando-se de presos sem motivo justificado visto que não existe uma acusação fundamentada, não se compreende a manutenção das mesmas, que, prejudicando os atilados, traduz simultaneamente uma injustiça inadmissível.

Festa Escolar

A Liga de Instrução e Educação da Escola Industrial de Fonseca Benevides, comemorou no dom. gto com uma sessão solenne o seu sétimo aniversário, tendo usado da palavra o director da Escola dr. sr. Adriano Castanhiera, o professor sr. Armando Lucena, os alunos Vasco da Rocha Gomes, José Lopes da Costa, Arnaldo Júlio Vieira e outros que puzeram em relevo os serviços prestados pela instituição em festa. Foi também prestada sentida homenagem a aqueles que, tendo dado o seu esforço ao desenvolvimento da Liga, foram já ceifados pela morte.

Fizeram-se representar outras escolas técnicas e a Federação Académica Industrial e Comercial.

Em Coimbra

Contra os assassinos acobertados pela lei

COIMBRA, 7.—Conforme já anunciamos, realizou-se hoje, terça-feira, pelas 18 horas na Casa dos Trabalhadores, grandiosa sessão de protesto contra as violências brutais e desumanas do caso dos Olivais e Silves. Nesta sessão, em que falaram vários oradores, que se não podem criticar toda esta bestialidade crua e sanguinária dos serventuários da autoridade, contra os trabalhadores explorados pela burguesia, não esquecer a arbitrariedade e velhaca censura e apreensão exercida contra A Batalha, o único jornal que cheio de autoridade moral, sabe com razão vergastar todas as injustiças.

Que todo o povo trabalhador saiba corresponder ao apelo do Comité de propaganda sindicalista e sindicatos operários, comparecendo em massa nessa sessão que marca o protesto humano e justo do povo contra as preparações inquisitoriais.

A sessão, pois, povo trabalhador! Pela razão e pela justiça!—C.

Vida Sindical

C. G. T.

Comité confederal

Reúne hoje, pelas 22 horas, para apreciação de trabalhos a levar ao Conselho.

Conselho Confederal

Reúne amanhã, pelas 21,30 horas, conforme convocações anteriores.

U. S. O.

Reúne hoje, às 21 horas, a Comissão Administrativa.

COMUNICAÇÕES

Federação da Indústria de Calçado Curores e Peles.—Reúne na sexta-feira o conselho federal com o representante dos sindicatos do Porto, Braga, Vila do Conde, Viana do Castelo, Almada e Lisboa. Foi apreciado vários expedientes e a que deu o devido despacho.

Entre ele, figurava um ofício sobre a ida de delegado a Guimarães, tendo sido indicado ao comité federal do norte para se desempenhar do encargo. Foi apreciada a falta, às reuniões, do secretário geral, esperando-se a sua comparecimento na próxima reunião. Ocupou-se ainda dos trabalhos realizados pela comissão organizadora do Congresso, ficando resolvido que sejam apreciados na próxima reunião em conjunto com os relatórios dos delegados que forem em missão à província.

Federação Mobilifária.—Reúne na sexta-feira o conselho federal com a representação de todos os sindicatos aderentes.

Aprovada a acta e lido o expediente foram apreciadas algumas anomalias, de que o delegado A. G. T. tratará no Conselho Confederal. Apresentadas as contas do 1.º semestre do corrente ano, foram nomeados para as revér os camaradas António Almeida, José Dias Lobo e António Matos Guerra.

Em virtude de se ter agravado a doença do secretário geral, impedido-o de continuar exercendo o seu cargo, foi nomeado para o substituir durante esse impedimento José Martins Grilo.

CONVOCAÇÕES

Federação de Calçado, Curores e Peles.—Reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho federal, para apreciar os relatórios dos delegados que foram à província em missão de propaganda e outros assuntos da máxima importância.

A este conselho não deve faltar o secretário geral.

Federação Metalúrgica.—Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão administrativa, sendo necessária a comparecimento de todos os seus membros.

Federação dos Empregados no Comércio.—Reúne na quinta-feira próxima o Conselho Geral do Sul para receber os relatórios dos delegados.

Carteiros de longo curso.—Reunem hoje os corpos gerentes, devendo comparecer todos os seus membros e, em especial, os camaradas Fernando Calheiros e Gingeira.

S. U. da Construção Civil.—Secção Profissional de Pedreiros.—São convidados a comparecer hoje, pelas 21 horas, para tratar de um assunto urgente, os militantes desta secção, sendo necessária a presença de todos.

</

DOS LIVROS E DOS AUTORES

«A Bôca da Estíngue», por Eduardo Frias e Ferreira de Castro. — «No Rastro das Águias», por Paulo Freire. — «Da Verdade», por João José Gomes. — «Flor de Laranja», por João Maria Loureiro. — «Nôvoa da Flandres», por Barata da Rocha

Foi com o maior prazer que vi surgir nas vitrines dos livrinhos e que, depois, folheei e li esta magnífica obra intitulada «A Bôca da Estíngue» que os meus queridos camaradas Ferreira de Castro e Eduardo Frias, numa colaboração inteligente, acabam de lançar no mercado literário.

Estas opiniões dos dois escritores, que definem e julgam com superioridade a sua obra, dispensam-me de mais comentários. Claro que são opiniões discutíveis, como todos os paradoxos, mas eu aceito-os e compreendo-os.

Não cometo o menor exagero afirmando que, por vezes, neste livro, há páginas dum altíssimo e requintado nível literário, o suficiente para recomendar os dois jovens escritores a qualquer editor inteligente, de maneira que eles materialmente se habilitem a dar-nos a obra de que se mostram capazes.

A capa é um sugestivo e belo desenho de Bernardo Marques.

Logo após o seu interessantíssimo livro *Fogos Fúteis*, Paulo Freire acaba de editar um pequeno opusculo intitulado *No Rastro das Águias*, que é o relatório da sua missão jornalística a bordo do «Bage», quando da viagem aérea ao Brasil de S. C. de Cabral e Gago Coutinho.

Paulo Freire, que é um jornalista culto e sabedor, neste seu trabalho limitou-se a documentação sobria da sua acção profissional, documentação curiosa como tudo que se relaciona com a famosa jornada.

Editado pelo «Resurgimento», publicado pelo escritor João José Gomes um pequeno livro intitulado *Da Verdade*, onde, em forma de máximas, insere as suas opiniões sobre filosofia, história, sociologia, etc.

Como sempre sucede em trabalhos deste género, algumas dessas opiniões são audaciosas, outras de toda a gente, e quasi todas imperativas pelo tom de sentença de que se revestem. Em todo o caso algumas também resultam interessantes. Por exemplo: diz que «no futuro a humanidade não fará arte; diz, ainda, que «a República e o Socialismo regerão as sociedades futuras», diz, mais, que «o fim da evolução humana é chegar, socialmente, à anarquia».

Como vêem, temos aqui matéria para concordar, e para discordar numa discussão que seria eterna.

Não quero isto dizer que algumas dessas máximas não sejam aceitáveis; que o livro não seja curioso. Simplesmente, há afirmações que, pela sua importância substancial, carecem de completa elucidação e base.

João Maria Loureiro publicou um livro de versos intitulado *Flores de Laranja*, onde, por entre hesitações de estreia, tem alguns sonetos bons.

Como modelo da sua maneira de versificar, publicamos a seguinte quadra dum elegante simplicidade:

«Chamaste-me pecador!
Se peço, amor, é por ti...
Quem é que morre de sede,
Tendo água ao pé de si?»

Alfredo Barata da Rocha, soldado da grande guerra, vem de lançar a lume por intervenção da «Renascença Portuguesa», um livro de versos intitulado *Nôvoa da Flandres*.

Versos que refletem pedaços de angustiosos momentos vividos no fragor da luta, longe de Portugal, nessas horas inolvidáveis em que o terror dos vivos e a agonia dos mortos dá à humanidade o verdadeiro sentido trágico da sua efémera existência, não podiam deixar de constituir um livro de emoção e de ternura.

O melhor elogio está nestas palavras: «A *Nôvoa da Flandres* ficará na já extensa bibliografia da guerra, como um dos seus melhores livros em verso».

A edição, esmerada, é da «Renascença Portuguesa» Porto.

Juliano QUINTINHA

Notas: Em nosso poder, para próxima referência, as seguintes obras: *A Promessa*, por Bramão d'Almeida; *As Comunicações dos astros*, por Reis Varela; *Germania e Latins*, por Agostino Campos; *Deus guarde a V. Ex.*, por Sequeira e Costa; *Serguinha e Tomé*, por Emanuel Ribeiro.

Só se publicam referências aos livros de que nos forem enviados dois exemplares.

As Escolas Primárias Superiores

A preparação do seu funeral

O decreto com força de lei de 19 de Março de 1911, dado à luz pelo grande democrático dr. António José de Almeida, mereceu ruidosos elogios da imprensa republicana, e todas as escolas manifestaram a sua admiração por esse belo trabalho pedagógico.

Mas talvez por estavismo, as coisas da instrução, continuaram na mesma marcha funebre que seguia, e a continuaram a funcionar as mesmas escolas normais e de ensino normal, durante mais uns longos anos, até que, apatrecendo os sidonistas, e precisando os governantes de então dar logares aos seus afilhados, acabaram com as escolas normais que estavam em exercício, transformando-as em primárias superiores, e criando novas normais, nomeando para elas os monárquicos que «o desajaram», de mistura com alguns republicanos, a fim de que mais tarde se pudessem segurar uns aos outros... Cautela no caso...

Não seria esta, decerto, a intenção do grande republicano que tinha subscrito o citado decreto, mas, como se desculpou demasiadamente em o pôr em execução, as coisas tomaram esse caminho.

E como «os neo-republicanos» não queriam, ou não se queriam, respeitar a ideia do grande caudilho da democracia, que teve em vista estabelecer escolas onde os filhos dos indigentes pudessem encontrar um curso de ensino prático e gratuito, que lhes desse conhecimentos gerais equivalentes ao curso elementar dos liceus, que já nesse tempo só podiam ser frequentados pelos filhos dos abastados, começou desde logo a confusão, dizendo-se, sem razão lógica, que o 3.º ano das E. P. S. equivalia ao 5.º dos liceus!

Ainda assim é preciso fazer história sem paixão política. Os sidonistas davam às escolas primárias superiores silênciosas regras, mas «os mestres» dos liceus, revoltaram-se contra elas, e as escolas começaram a funcionar numa situação duvidosa, não se sabendo mesmo para que eram, ou para que viriam a ser...

Expulsos os sidonistas da corte portuguesa, voltaram os republicanos ao poder, e com essa série indefinida de ministros da instrução, que faziam leis que não se cumpriam, porque se neutralizavam umas às outras, «as escolas da democracia» (é tão lindo este nome!) escorregavam vertiginosamente por um plano inclinado... para se despenharem em um abismo que devia devorá-las lentamente...

Mas esse triste desenlace não chegou a dar-se.

Um imortal ministro da Instrução, esse grande vulto da *Seara Nova* que todos os professores conhecem já, «tem pena delas», e ordenou que as matassem, por uma só vez, para que o seu sofrimento não tivesse uma agonia muito longa...

Foi publicado «o decreto escolar» que ordenava que elas deixassem todas de existir nua da do momento, mas afinal «o executor» não o cumpriu à risca, pois que, como já «não governava» o sr. António Sérgio, a sentença foi alterada, não se sabendo ao certo quais «serão estragadas», e apenas «por um acto de prudência, se lhes vai preparando o funeral».

«Espíritos prompts est, caro infirmo», nomeada a comissão que terá de acompanhar-las «à última morada», tratou ela de redigir, antes de tudo, o «epitáfio» que será, depois de gravado em uma chapa de ferro zincado, colocado sobre o «túmulo», e ao qual deu «o pomposo e moderníssimo nome de «Bases de reorganização do ensino primário superior».

E para mostrar que era católica, arranjou essa comissão um número igual das «obras de misericórdia», e mais uma. E podemos também dividir-las em «corporais e espirituais», sendo oito «corporais» e sete «espirituais».

As «corporais» são: a 2.ª, a 4.ª, a 5.ª, a 7.ª, a 8.ª, a 9.ª, a 10.ª e a 11.ª. As «espirituais» são: a 1.ª, a 3.ª, a 6.ª, a 12.ª, a 13.ª, a 14.ª e a 15.ª.

Comecemos pelas corporais, fazendo uma ligeira análise a algumas delas, visto o espaço e o tempo serem limitados.

2.ª mediante autorização ministerial, junto das escolas primárias superiores, podem funcionar independentemente quaisquer cursos de carácter elementar e de duração variável que correspondam às necessidades locais.

«Dar de comer a quem tem fome», diz a 1.ª das verdadeiras «obras de misericórdia».

Aqui a temos na base «2.ª base».

Quando o ministro quiser «dar bolo» a qualquer afilhado, cria um curso onde ele «exerça as suas funções de... bom correligionário», e já não morrerá à fome.

Mas isto não se pode tomar a sério, e estamos mesmo convencidos de que alguns membros da «histórica comissão» também o tomaram por troço. Não pode deixar de ser.

Pode lá conceber-se que se criem escolas «sem um fim definido, demais a mais no momento em que se declara que se suprimem algumas «por efeito de economia»!

Pode lá conceber-se que não se saiba qual é o curso ou cursos que se podem adquirir nesta ou naquela escola, sendo congeneres?... Não pode ser. Não deve ser.

Um prof. de uma escola da provincia

Meia Lisboa reúne na ALFAIATARIA MODELO, Lda, na rua 1.ª de Dezembro, 15 e 17, para fazer festa no rigor da moda, pois à testa do corte está um dos sócios, que bastante conhecedor do «metier» soube conquistar uma grande clientela.

Uma visita a esta casa impõe-se.

MENSTRUACÃO Usem Ferri-Apiol

MEDICAMENTO de uma acção rápida e segura em todos os casos de desaparecimento das regras menstruais. O único que garante ser inteiramente inofensivo. Preço 15000; pelo correio mais 1800. Depositários: Costa, Costa & Cunha, Lda., Largo D. Estefânia, 4 e 5—Lisboa.

Morte aos leudas!... liberdade aos escravos... gritaram os Vagros correndo às armas.

—Os francos! prender-me-hão e conduzir-me-hão ao burgo do conde, exclamou a pequena Odilla a tremer. Ronan, tem dó de mim!

—Prenderem-te os leudas, pobre menina! não, não ficará um único vivo que possa levar-te.

—Ronan, não seas imprudente, replicou o eremita; esses cavalheiros talvez sejam os exploradores de um bando mais numeroso. Destaca exploradores contra exploradores e conserva aqui o teu bando entinchado atrás dos carros.

Frade, tu tens razão... Guerreaste alguma vez?

—Um pouco... em certas ocasiões, para defender os francos contra os fortes...

—Guerreiros francos! exclamou Cautin pondo as mãos com ar triunfante, amigos aliados! estou salvo... Acudam-me queridos irmãos em Cristo! acudam-me

A BATALHA NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

Ponte de Lima

Os negócios católicos vão mal!

PONTE DE LIMA, 4.—Afinal não houve, como no ano anterior, a tradicional festa «do Corpo de Deus», nem a interessante procissão do mesmo nome, ornamentada com burros enfeitados—como os da nossa Câmara,—com um carro puxado a bois, cheio de ramagem, denominado «carro das ervas», e outras figuras alegóricas e bizarras.

Os nossos vereadores este ano foram impedidos de realizar a tal procissão. E porquê?

Que força de maior os impediu? Talvez isto, leitores:

O sr. prior estava doente; o Lino Guimarães tinha a sua amante no hospital de Braga para ser operado; o dr. sr. Adelino Ribeiro Sampaio, presidente, tem a sua senhora quase cega; o sr. Pimenta desde que se casou, não pensa senão na sua filha; e os outros vereadores não podiam «osinhos com o andar».

Foi pena!

Apenas houve no dia da festa do Corpo de Deus um sermão na igreja Matriz. Não assistimos, porém, a ele; mas, quando ouvimos dizer, o padre que o pregou era demasiadamente barbaresco e teve a certa altura do tal sermão, além doutras palavras, esta interessante e sintomática:

«Estive em África, onde o clima é sempre quente, e vi muitas vezes: senhoras aparecerem-se de automóveis, mas não com as suas «toilettes» tem decotadas como usm as senhoras do meu país!»

O sr. Barbedo, naturalmente é emuço. Quer que as nossas senhoras usem a «toilette» comprida na quadra calmosa que estamos atravessando e com o preço da fazenda pela hora da morte. Esta nem ao diabo lembrai!

Na festa de São Pedro, que se realizou no dia 29 do p. m. mês na freguesia de São Martinho da Gândara, deu-se um desordem ao fim da tarde desde dia, por causa duma moça, da qual resultou na sua repetição e em local mais distante, ficaram feridos com navalhadas três indivíduos, um dos quais no ventre e que foi conduzido no mesmo dia num automóvel do sr. António de Castro, ex-administrador do concelho, a esta vila, dando entrada no hospital em estado grave.

O motivo da desordem? Um sujeito que, impulsionado pelo álcool, levantou um pouco as saias a uma moça e alguém que tal caso presenciou foi-o contar a um irmão desta, o que fez com que este viesse desafiar o referido sujeito, envolvendo-se ambos em desordem, primeiro no local da festa onde a «brisa» e alguns populares puzeram termo ao conflito; e depois... na estrada dos Casais quando o irmão da moça, mais seu pai e outro seu filho se dirigiam para a casa da freguesia do Couto, onde o que havia levantado as saias à moça os foi esperar e envalhar.

Conveniu aqui dizer que, tanto o agressor como os agredidos, são us bebedores de primeira marca.

Eis, pois, os milagres de Deus Baco e de São Pedro o chaveiro das portas do céu.—C.

Pedras para isqueiros

Metal Auger, assim como roças, ócas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, (2.ª a casa que fornece em melhores condições).

Pedras para isqueiros

Metal Auger, assim como roças, ócas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, (2.ª a casa que fornece em melhores condições).

Pedras para isqueiros

Metal Auger, assim como roças, ócas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, (2.ª a casa que fornece em melhores condições).

Pedras para isqueiros

Metal Auger, assim como roças, ócas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, (2.ª a casa que fornece em melhores condições).

Pedras para isqueiros

Metal Auger, assim como roças, ócas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, (2.ª a casa que fornece em melhores condições).

Pedras para isqueiros

Metal Auger, assim como roças, ócas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, (2.ª a casa que fornece em melhores condições).

Pedras para isqueiros

Metal Auger, assim como roças, ócas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, (2.ª a casa que fornece em melhores condições).

Pedras para isqueiros

Metal Auger, assim como roças, ócas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, (2.ª a casa que fornece em melhores condições).

Os que morrem

Faleceu anteontem, após prolongado sofrimento, o camarada Viriato Dias, impressor da Imprensa Nacional, que a bem do respectivo Sindicato deu o melhor do seu esforço, sendo portanto muito sentida a sua falta não só porque era um dos seus melhores elementos, como pelas suas excelentes qualidades de carácter.

O seu funeral efectua-se hoje, pelas 13 horas, salido da estação do Rossio para o cemitério dos Prazeres.

Faleceu ontem, no hospital do Rêgo, Fernando Barbosa Vasconcelos, tipógrafo, vitimado pela tuberculose.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 15 horas, salido do referido hospital para o cemitério de Benfica.

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

Fomos procurados nesta redacção pelo operário Urbano Ramos, da rua Damasceno Monteiro, 108, 4.º andar que nos referiu ter a senhoria D. Maria dos Anjos Silva Almeida caluniado os hóspedes que moram no referido andar com o intuito de mover uma acção de despejo contra a sub-arrendatária.

Nessa casa moram três casais operários, gente sociedade e digna que não se presta a ser caluniada pela senhoria e nas questões que ela tem com a sub-arrendatária.

Pão com areia

A nossa redacção vieram alguns moradores da rua Gomes Freire queixar-se de que na padaria da mesma rua, n.º 10, se está há dias manipulando pão com tal quantidade de areia que não há quem o possa mastigar.

Ajudantes

De serrilheiro. Precisa-se. Rua dos Mouros, 12 e 14.

BRINDE

Aos assinantes da BATALHA

O depósito geral de lanifícios de F. Ribeiro & C.ª Irmãos na Rua dos Fanqueiros, 267, 1.º e 2.º faz descontos especiais, vendendo pelos mais limitados preços os artigos da sua especialidade. Experimentem pedindo amostras —

Secção de ALFAIATARIA

Fadiga geral e nervosa

CRESCIMENTO e ANEMIA

Cura-se rapidamente com o expêndido medicamento de surmenagem POLIFOSFÓGENO

A venda nas principais farmácias e no depósito geral:

Calçada de Santo André, 16

A todos interessa

TER as suas casas com oleados novos ou coiza que imite. Está resolvido com a patente de invenção n.º 13.745 que restaura os oleados ficando como novos e soalhos velhos ou novos ficando superiores ao oleado com o emprego da Bombazite. Completo sossago para patros e criadas. Acabaram-se os es-fregados, escrever a

Agoas (Irmãos) Lda Sucessor Anibal José Agoas

Largo do Intendente, 7 a 10 LISBOA

Todos bebem e todos gostam

do magnifico refrigerante Centazzi, fabricação de A. CENTAZZI, L.ª

Diuretico e estomacal

Pedir em toda a parte

Diuretico e estomacal

Pedir em toda a parte

Diuretico e estomacal

Pedir em toda a parte

Diuretico e estomacal

Pedir em toda a parte

Diuretico e estomacal

Pedir em toda a parte

Diuretico e estomacal

Pedir em toda a parte

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE JULHO

HOJE O SOL

Desaparece às 20,03

FASES DA LUA

Comp. e Venda

MOVIMENTO MARITIMO

Vapores e destinos

«Sierra Nevada», Boulogne, Bremen

«Beira», para os portos da Africa Oriental...

«Arizana», portos do Brasil e Argentina...

«Gelin», Leixões, Vigo, Cherburgo, Southampton e Amsterdam...

«Dorcas», portos do Brasil e Argentina...

«Zeelandia», Leixões, Vigo, Cherburgo, Southampton e Amsterdam...

«Avons», portos do Brasil e Argentina...

«Ussukuma», Southampton, Rotterdam e Hamburgo...

«Fuschal», portos do Fuschal...

Dentes artificiais

a 25000—Obturações a 25000—Extrações sem dor a 15000

Das 11 às 13 no consultório de MARIO MACHADO

da Escola Dentária de Paris

Chiado, 74, 1.º Tel. C. 418

LIMAS

As melhores são as de Limas

Me Feteira, Vieira de Celia—Pedra e todas as peças de ferragens

registram em perca com as melhores peças

Pedidos aos Representantes e Depositários em Lisboa Sra. Ferreira & C.ª, Lda., —Calçada do Marquês de Abrantes, 134—Telefone C. 130.

CININA

TINTA DE ÁGUA

FABRICO DA COMPANHIA INDUSTRIAL DO NORTE

Agente de venda:

Dias & Pinto Lopes, L.ª

75, R. Passos Manuel—Porto

À venda em Lisboa:

João Nunes dos Santos

R. do Mundo, 106

Diuretico e estomacal

Pedir em toda a parte

Diuretico e estomacal

Pedir em toda a parte

